

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS/MG

PEDAGOGIA

LUCIENE VENÂNCIO

N. CLASS.	M.372.372
CUTTER	V.448a
ANO/EDIÇÃO	2018

**ABORDAGEM DA SEXUALIDADE E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS
ESCOLAS A PARTIR DOS DOCUMENTOS OFICIAIS**

Varginha
2018

FEPESMIG

Registro: 162129
Data: 10/05/2018

LUCIENE VENÂNCIO

**ABORDAGEM DA SEXUALIDADE E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS
ESCOLAS A PARTIR DOS DOCUMENTOS OFICIAIS**

Monografia apresentada ao Centro Universitário do Sul de Minas Unis/MG, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Orientadora: Prof. Dra. Terezinha Richartz.

Varginha


2018

LUCIENE VENÂNCIO

**ABORDAGEM DA SEXUALIDADE E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS
ESCOLAS A PARTIR DOS DOCUMENTOS OFICIAIS**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do Centro Universitário do Sul de Minas-UNIS/MG, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura, pela Banca Examinadora composta pelos membros.

Aprovado em:



Élica Milano de Brito Maciente



Regiane Aparecida Pederiva



Prof. Dra. Terezinha Richartz

OBS.:

Dedico este trabalho aos meus dois filhos que compreenderam minha ausência durante o período da minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por não me deixar desistir, mantendo-me sempre com fé e coragem, ajudando-me nos desafios diários. Aos meus pais pela confiança e esforços investidos. Ao Antônio Carlos por ter sido presente em tantos momentos. Ao Luís Felipe e ao Rafael por estarem sempre ao meu lado, pela força e carinho. E a todas as pessoas que acreditaram e me ajudaram nesta conquista.

Muito obrigada!

(Comênio)

“Em primeiro lugar, todos aqueles que nasceram
homens, nasceram para o mesmo fim principal, para
serem homens, ou seja, criatura racional, senhora
das outras criaturas, imagem verdadeira do seu
Criador.”

RESUMO

Este estudo visa demonstrar como os materiais didáticos e os profissionais da educação abordam as diferenças de gênero e a sexualidade em sala de aula. Um projeto pedagógico bem estruturado orienta os professores, segundo documentos oficiais de normatização do ensino escolar, a trabalharem buscando o desenvolvimento de crianças e adolescentes de forma consistente. A escolha do tema justifica-se, pois a escola e o professor estão envolvidos diretamente na formação social do indivíduo, informando e orientando sobre a identidade de gênero e sexualidade. O objetivo deste trabalho é apresentar o que os materiais didáticos recomendam sobre a forma de abordagem deste assunto e a postura do profissional em aula. Este intento será alcançado através de pesquisa bibliográfica. Os dados apontam para a importância de serem trabalhadas, de forma transversal em todas as disciplinas, a identidade de gênero e a sexualidade, para que a escola possa colaborar na formação social dos alunos, ensinando-os a respeitar a individualidade de cada ser.

Palavras-chave: Orientação. Diferença. Educação.

ABSTRACT

This study aims to demonstrate how didactic materials and education professionals approach gender differences and sexuality in the classroom. A well structured pedagogical project guides the teachers, according to official documents of standardization of school education, to work seeking the development of children and adolescents in a consistent way. The choice of the theme is justified, because the school and the teacher are involved directly in the social formation of the individual, informing and guiding on the identity of gender and sexuality. The purpose of this work is to present what the didactic materials recommend on how to approach this subject and the posture of the professional in class. This intent will be achieved through bibliographical research. The data point to the importance of being worked, in a transversal way in all disciplines, gender identity and sexuality, so that the school can collaborate with the students' social formation, teaching them to respect the individuality of each being.

Key words: orientation. Difference. Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A QUESTÃO DA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	10
3 A SEXUALIDADE COMO TEMA TRANSVERSAL NAS ESCOLAS.....	14
4 ANÁLISES DOS LIVROS DIDÁTICOS A PARTIR DA RELAÇÃO DE GÊNEROS	16
5 CONCLUSÃO.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

1 INTRODUÇÃO

Este estudo visa demonstrar como os materiais didáticos e os profissionais da educação abordam as diferenças de gênero e a sexualidade em sala de aula. O interesse pela sexualidade, muitas vezes, começa na escola, no convívio, quando as crianças começam a perceber que são diferentes, despertando a curiosidade. Há preocupação em abordar o assunto nas escolas, muitas vezes chamado de tabu pelos próprios pais e alguns educadores, que ainda não querem trabalhar de acordo com a legislação.

Um projeto pedagógico bem estruturado orienta os professores, segundo documentos oficiais de normatização do ensino escolar, a trabalharem buscando o desenvolvimento de crianças e adolescentes de forma consistente. A escolha do tema justifica-se, pois a escola e o professor estão envolvidos diretamente na formação social do indivíduo, informando e orientando sobre a identidade de gênero e sexualidade. O objetivo deste trabalho é apresentar o que os materiais didáticos recomendam sobre a forma de abordagem deste assunto e a postura do profissional em aula.

A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica. No primeiro tópico será discorrido sobre o histórico e a introdução da abordagem da sexualidade na educação escolar, conceitos e problemática. Num segundo momento, será falado sobre sexualidade como tema transversal na escola, com intuito de demonstrar sua importância na formação do cidadão. Em sequência será analisado o que dizem os documentos pesquisados sobre o tema, para um melhor embasamento teórico.

2 HISTÓRICO E INTRODUÇÃO DA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Nos anos 90, a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais desenvolveu projetos de inovação pedagógica que visavam o enriquecimento do currículo na escola e a ampliação do papel transformador e formador da instituição escolar. Entre esses, teve destaque o Projeto de Educação Afetivo-Sexual. Foi uma tentativa de unir sexualidade ao afeto, abrangendo este aspecto da natureza humana em sua dimensão mais ampla e mais complexa. Foi desenvolvido um projeto em 62 escolas de Minas Gerais, com base em um vídeo chamado “Segredos de Adolescente”, visando aproximar jovens e adolescentes do tema sexualidade, de forma direcionada, competente e interessante a estes (MINAS GERAIS, 1993).

O projeto respondia várias dúvidas dos responsáveis pela educação, principalmente como tratar de um assunto tão delicado com a comunidade jovem, tão cheia de anseios, inquietações e questionamentos, mediante suas mudanças físicas, psicológicas, etc. Assim, toda a escola brasileira também demonstrou que estava interessada nos aspectos essenciais da formação do aluno e passou a incorporar atitudes, conteúdos e atividades voltadas para o desenvolvimento pessoal e social. Ao lado da família e de outras instâncias da sociedade, a escola sempre teve o dever de formar o cidadão capaz de construir uma sociedade mais justa e solidária (MINAS GERAIS, 1993).

A partir do projeto e com a homologação das Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), foi determinado que a elaboração das propostas pedagógicas das escolas brasileiras deveria integrar ao seu currículo as áreas de conhecimento e os temas da vida cidadã, entre eles a sexualidade. Este projeto foi executado de maneira tão eficaz que deu base para que uma nova proposta pedagógica se consolidasse e adquirisse maturidade e subsidiasse o Programa de Educação Afetivo-Sexual para todas as escolas.

Com o mundo em pleno processo de globalização, novas ideologias foram surgindo e se incorporando a cultura social. O intuito passou a ser a interdependência e a complementaridade. O acelerado crescimento, mudança de paradigmas, o acesso fácil à informação e outras tendências tecnológicas exigiram mudanças rápidas e flexíveis (BUSQUETS; FERNANDEZ, 1997).

Diante de tantas transformações e inovações, os patamares de formação educacional e qualificação elevaram-se. Uma nova visão de política e de ética agregou uma nova roupagem capaz de assegurar que as transformações econômicas se fizessem com a ampliação dos níveis de equidade social e não como exclusão dos mais frágeis e vulneráveis. A globalização trouxe fenômenos como fácil acesso à Internet, o surgimento de agências de publicidade globais, nascendo uma cultura planetária sedenta em alcançar o mundo todo e ao mesmo tempo (BUSQUETS; FERNANDEZ, 1997).

Frente a este cenário mundial em constante movimento, a educação não pôde se isolar ou estagnar em seu processo teve que assumir real papel nesse mecanismo. A escola passou a ter um ensino de qualidade para que as crianças pudessem se desenvolver e acompanhar estas transformações. O Brasil encontra-se nesta etapa de mudanças aceleradas, profundas e abrangentes impactando sua estrutura política, econômica, social. Neste ínterim, os adolescentes destacam-se como parcela importante da população, com condições peculiares de conduto precisando do apoio da sociedade para vencer com sucesso (BUSQUETS; FERNANDEZ, 1997).

De acordo com Busquets e Fernandez (1997) existe uma questão essencial a ser observada com relação às experiências negativas que podem ocorrer na vida destes adolescentes:

Desconhecimento da anatomia e da fisiologia do próprio corpo, perpetuação dos mitos e tabus relativos à sexualidade humana, que continuam comprometendo a relação dos adolescentes com a sua própria sexualidade e prazer; dificuldades de relacionamento interpessoal e de expressão da auto-imagem que envolve o respeito a si e ao outro; somando-se a tudo isto o crescimento da AIDS (BUSQUETS e FERNANDEZ, 1997, p. 47).

De acordo com Busquets e Fernandez (1997), a escola destaca-se como a instituição social mais estável e presente para a criança e para o jovem, complementando a atuação da família. Infelizmente esta segunda nem sempre se mostra atuante. Nestas duas instituições as condições mais essenciais para a formação destes seres deveriam ser efetivas.

Por outro lado, devido às influências das mudanças do mundo moderno nas famílias, como sua estrutura e tempo reduzido dos pais, a escola está assumindo a cada dia responsabilidade de atuar como agente formador, ultrapassando as questões da informação e da simples instrução. Estas transformações afetam também as necessidades educativas deste público infanto-juvenil e a família não consegue mais

atingir estas áreas. Pesquisas modernas indicam que há um clamor social para que a escola atue também como informante consciente sobre as questões da sexualidade aos seus jovens e crianças, de forma segura, correta e amadurecida (BRANDÃO, 1991).

Os pais têm dificuldades em orientar sexualmente os seus filhos e sentem a necessidade de educação para a sexualidade nas escolas. Os professores, também conscientes desta carência, sentem-se, na maioria, despreparados para assumirem tal papel. Então, estas duas vertentes apontam para a precisão de uma orientação sexual nas escolas desde que haja empenho na capacitação docente, de modo a proporcionar objetividade e eficácia à relação entre professor e aluno (BRANDÃO, 1991).

No artigo 227 da Constituição da República Federativa do Brasil há a seguinte determinação:

É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, p. 27)

De acordo com o artigo 3º. Das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, as escolas deverão estabelecer os seguintes nortes para suas ações pedagógicas:

Os princípios éticos de autonomia, responsabilidade, solidariedade e do respeito ao bem comum; princípios dos direitos e deveres da cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; os princípios estéticos da sensibilidade, criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais; definir propostas pedagógicas explicitando o reconhecimento da identidade pessoal do aluno, professores e outros profissionais; reconhecer que as aprendizagens constituintes de processos de conhecimento com os de linguagem e afetivos; deverá ser garantida a igualdade de acesso e uma base nacional comum e da parte diversificada deverá ser integrada no currículo estabelecendo relação entre saúde, sexualidade, vida familiar e social, meio ambiente, trabalho, ciência e tecnologia, cultura e linguagem (BRASIL, 1998, p. 1).

Assim, segundo o art. 3 das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, (1998) as escolas devem preparar suas propostas curriculares voltadas para uma interação com a comunidade regional e planetária visando à inter-relação entre educação fundamental e a vida de cidadania.

A Lei Estadual 12.497, de 16 de abril de 1993 do estado de Minas Gerais determina a inclusão de conteúdos e atividades voltadas para a orientação sexual no currículo do Ensino Fundamental: “Os estabelecimentos do Ensino Fundamental incluirão no programa de ensino a matéria Ciências, Físicas e Biológicas, integrante da Base Nacional Comum, conteúdos e atividades voltados para a orientação sexual” (MINAS GERAIS, 1993).

A educação afetivo-sexual nas escolas, introduzida no currículo como um dos aspectos da vida cidadã, diminui a distância entre a formação recebida na escola e as necessidades com que se defrontam os alunos. A escola deve trabalhar estes conteúdos no sentido básico de introdução da dimensão do humano de maneira articulada e conseqüente, pois não é constituída apenas de conhecimentos teóricos ou práticos, mas de sentimentos, valores e atitudes que formam a base de uma vida humana, com suas identidades íntegras, responsáveis e participantes (SUPLICY, 1995).

O Projeto de Educação Afetivo-Sexual, lançado pela Secretaria de Educação de Minas Gerais em 1993, teve o objetivo principal de definir o papel da escola e das propostas pedagógicas enfatizando o princípio vital da sexualidade como que integrado às práticas pedagógicas. A educação faz parte do processo civilizatório e da redemocratização da sociedade brasileira. A sexualidade humana é um processo vital que constitui a identidade pessoal e coletiva do indivíduo sendo parte integrante de quaisquer atividades educacionais (SUPLICY, 1995).

A sexualidade humana é um princípio vital a compor a identidade de gênero, responsável pela constituição do auto-conceito e da auto-estima individuais e coletivos das pessoas. Os familiares têm um papel significativo na educação da criança e do adolescente, razão pela qual a comunicação entre escola e família é importante na integração de esforços para a orientação do aluno como pessoa. Por isto, as identificações múltiplas e consecutivas pelas quais os alunos passam no processo de formação de identidades refletem a necessidade de aceitação pelo ambiente social, para que personalidades pró-ativas e assertivas surjam nas tentativas de exercerem seus papéis (SUPLICY, 1995).

3 A SEXUALIDADE COMO TEMA TRANSVERSAL NAS ESCOLAS

A sexualidade ou orientação sexual é considerada como algo de pertencimento à vida das pessoas, fator está presente desde o nascimento até a sua morte do sujeito. Resume-se no direito do prazer e do exercício de sua sexualidade com responsabilidade. Engloba a relação de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Também o ensinamento de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, entre outras questões intrigantes para os jovens (BRASIL, 1997).

O documento sobre os Temas Transversais na escola se justifica pela importância de incluir orientação sexual no currículo, observando a postura do educador e da escola. Diferencia-se da orientação sexual que a criança ou adolescente recebe em sua casa, pois existem referências necessárias à atuação do educador ao tratar do assunto com seus alunos (BRASIL, 1997).

A discussão desta temática sobre sexualidade no currículo da escola de ensino fundamental e médio está se intensificando desde a década de 70 em função das mudanças comportamentais das pessoas. Atualmente, houve nova retomada da questão com os movimentos sociais que se propunham, com a abertura política, repensar o papel da escola e dos conteúdos ensinados por ela (BRASIL, 1998).

Nos anos 80, a demanda por trabalhos na área de sexualidade nas escolas aumentou porque havia grande preocupação dos professores com o número crescente de jovens grávidas e pelo risco de infecção pelo HIV. Com isto, os pais passaram a reivindicar a orientação sexual nas escolas, por reconhecerem a sua importância para seus filhos e a sua dificuldade em abordar o assunto. Toda família possui seus valores conservadores, liberais ou progressistas e assim determinam a educação de seus filhos. Mas é no espaço da escola que a criança recebe, com maior intensidade, as noções a partir das quais vai construindo e expressando a sua sexualidade (BRASIL, 1998b).

A orientação sexual nas escolas é um dos fatores que contribuem para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos. Isto denota que homens e mulheres podem tomar suas decisões sobre sua fertilidade, saúde reprodutiva e criação de filhos, tendo acesso às informações e recursos necessários para implementação de suas decisões. As ações educativas constantes favorecem possibilidades de elaboração das informações recebidas, resguardando o direito de liberdade do sujeito quanto ao gênero (BRASIL, 1998).

A escola constitui-se local privilegiado para a abordagem de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, não podendo de omitir mediante a relevância destes temas. O trabalho de Orientação Sexual pode prevenir o abuso sexual, gravidez indesejada favorecendo a apropriação do corpo e consciência de que este lhe pertence e só deve ser tocado por outro com seu consentimento ou por razões de saúde e higiene (BRASIL, 1998, p. 293).

Existe o trabalho sistemático de orientação sexual na escola articulando-se com a promoção da saúde do aluno. Através deste podem ser desencadeadas ações preventivas de doenças sexualmente transmissíveis de maneira mais satisfatória. As crianças vão se tornando cada vez mais curiosas com assuntos como sexualidade, contribuindo para que o seu desejo de saber seja impulsionado ao longo de sua aprendizagem. A oferta pela escola de um espaço em que elas poderão satisfazer suas curiosidades e obter informações precisas e adequadas para seus questionamentos, o esclarecimento de suas dúvidas, permitirá que ela sempre formule novas questões (BRASIL, 1998).

A sexualidade na escola não se inscreve apenas nas portas do banheiro, muros e parede. Ela invade a escola por meio de atitudes dos alunos em sala de aula e na convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela (BRASIL, 1998, p. 292).

As crianças vão se tornando cada vez mais curiosas com assuntos como sexualidade, contribuindo para que o seu desejo de saber seja impulsionado ao longo de sua aprendizagem. A oferta pela escola de um espaço em que elas poderão satisfazer suas curiosidades e obter informações precisas e adequadas para seus questionamentos, o esclarecimento de suas dúvidas, permitirá que ela sempre formule novas questões

A sexualidade na escola não se inscreve apenas nas portas do banheiro, muros e parede. Ela invade a escola por meio de atitudes dos alunos em sala de aula e na convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela (BRASIL, 1998, p. 292)

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica do sujeito, além de sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca de prazer, sendo construída ao longo de sua vida, influenciada pela história, cultura, ciência, afetos, sentimentos, expressando-se na singularidade de cada pessoa (BRASIL, 1998).

4 ANÁLISES DOS LIVROS DIDÁTICOS A PARTIR DA RELAÇÃO DE GÊNEROS

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto de representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica entre os sexos (BRASIL, 1998). Enquanto o sexo diz respeito ao conteúdo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de masculino e feminino como construção social. O uso deste conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pelas grandes diferenças evidentes entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade (BRASIL, 1998, p. 321-322).

De acordo com Weintraub (1995), os trabalhos desenvolvidos nos livros didáticos nas escolas têm como objetivo combater relações autoritárias, questionando a rigidez de padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres, e apontar para a sua transformação, mediante a globalização e as mudanças nas famílias.

Desde muito cedo são transmitidos padrões de comportamentos diferenciados para homens e mulheres. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão das potencialidades existentes em cada ser humano e que são dificultadas pelos estereótipos de gêneros. As diferenças não precisam ficar aprisionadas em padrões preestabelecidos, mas podem e devem ser vividas a partir da singularidade de cada um (BRASIL, 1998, p. 322).

De acordo com Apple (1982), o relacionamento dos alunos entre si denota um dos primeiros aspectos ligados ao gênero, evoluindo em agrupamentos formados pelos mesmos espontaneamente. Com a puberdade há uma maior aproximação entre eles, notando-se a presença de conflitos, medos, agressões de diferentes intensidades. Assim, a questão de gênero é também colocada em todos os assuntos tratados pela escola, nas diferentes áreas. Quando a escola fica atenta a este fator, permite que os educandos construam relações de gênero com equidade, respeito pelas diferenças, complementando o que homens e mulheres têm de melhor, aprendendo a serem pessoas mais abertas e equilibradas.

Segundo Brasil (1998, p. 323) a questão de gênero é assim trabalhada, nos livros didáticos:

Em Língua Portuguesa, nos textos literários pode perceber as perspectivas de gênero por meio da análise de personagens e descrição de suas características. As próprias regras do idioma estabelecem que o plural no masculino inclua as mulheres, mas o plural no feminino exclua os homens.

Em *Língua Estrangeira* pode explorar as diferentes conotações atribuídas ao masculino e ao feminino em vários países e diferentes culturas, ao trabalhar na literatura a leitura e a tradução de textos (BRASIL, 1998, p. 323).

Nos livros didáticos de Geografia e Arte há a seguinte conotação:

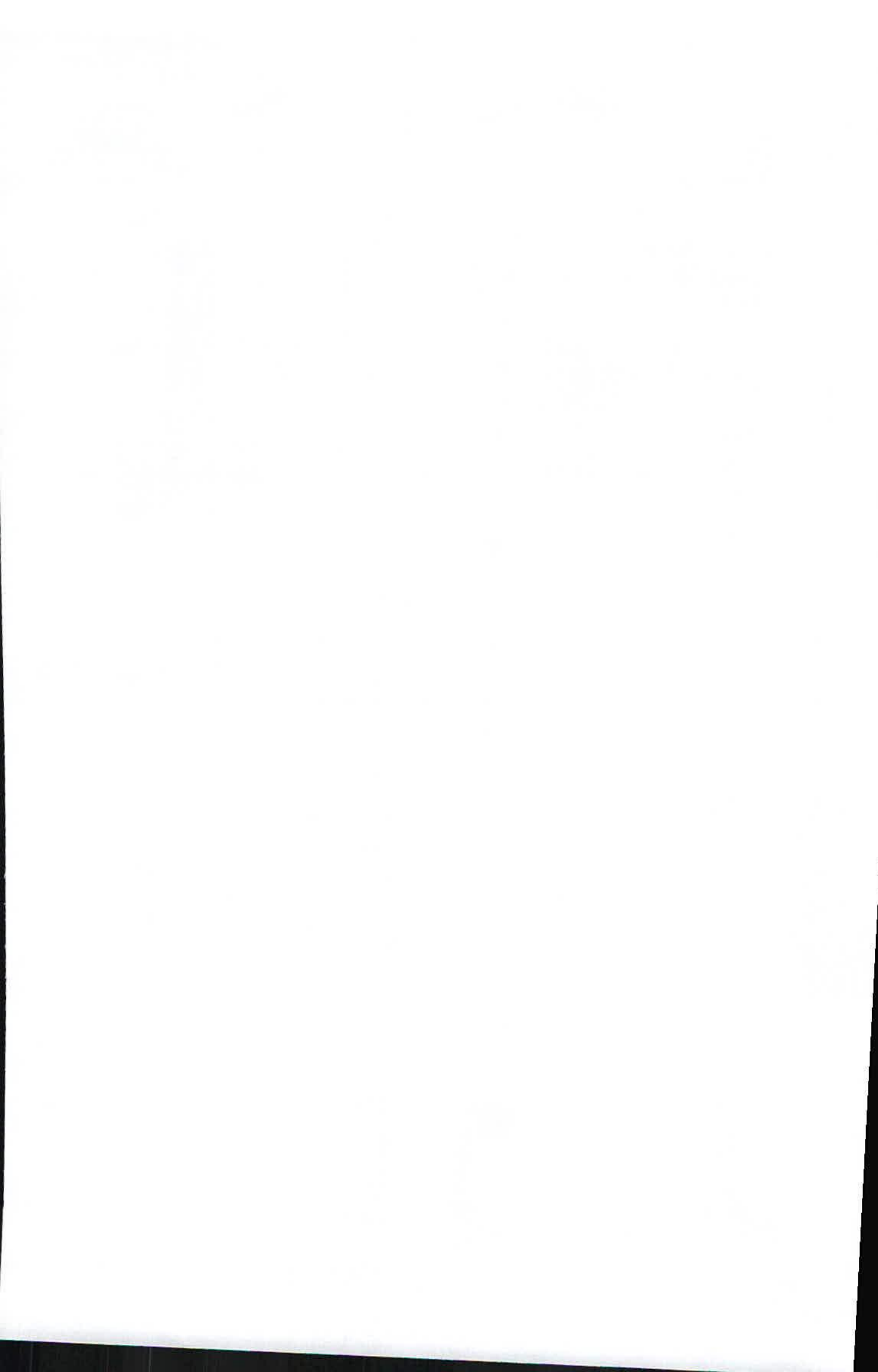
Ao estudar movimentos migratórios em Geografia, podem-se incluir perspectivas de gênero analisando as consequências das migrações nos arranjos familiares, nas ocupações profissionais e na ocupação de espaços. Nos livros de Arte os atributos relacionados à sensibilidade artística são associados ao feminino. No caso da dança a discriminação com os meninos que se interessam pela prática é evidente e merece ser debatida. Há também a conotação pejorativa com as mulheres quando assumiam carreira artística antigamente. Homens e mulheres expressam na Arte suas diferenças e semelhanças é outra questão discriminatória (BRASIL, 1998, p. 323).

Nos livros didáticos de História e Matemática ocorre o seguinte:

A história das mulheres, suas lutas por conquistas de direitos e as enormes diferenças que podem ser encontradas ainda hoje nas diversas partes do globo, constitui tema de estudo mais aprofundado, tanto em História quanto Geografia ou Matemática, ao utilizar dados para analisar os avanços progressistas do movimento de mulheres ao longo dos tempos são pouco abordados. Existe uma maior participação das mulheres na esfera pública em todos os aspectos: na política, na cultura, no trabalho remunerado e em outras esferas que deveria ser investigada (BRASIL, 1998, p. 323).

Nos livros didáticos de Ciências e Educação Física há que se observar o seguinte: na disciplina de Ciências percebe-se que, em função de uma educação diferenciada, as experiências prévias dos meninos geralmente são diferentes das meninas, o que pode significar maior grau de dificuldade de aprendizagem de determinados conteúdos. Geralmente, os meninos apresentam maiores habilidades em atividades manipulativas e em visualidade espacial e as meninas em cuidado e atenção às outras pessoas. Na Educação Física também acontece antigos estereótipos ligados ao gênero como a separação rígida entre práticas esportivas e de lazer para meninos e meninas. O professor deve intervir para garantir as mesmas oportunidades de participação a ambos os sexos, respeitando os interesses existentes entre os gêneros (BRASIL, 1998).

Assim, qualquer relação de gênero deve ser tratada no convívio escolar sem discriminação ou exclusão. Elas se apresentam de maneira clara no relacionamento entre os alunos e nas brincadeiras ligadas à sexualidade. Também estão presentes estas relações no modo de execução das tarefas escolares, nas brincadeiras entre colegas, na organização do material de estudo, e nos comportamentos diferenciados de meninos e



meninas. O professor deve intervir se colocando contra as discriminações, preconceitos e questionamentos dos estereótipos relacionados ao gênero. Esta intervenção deve ocorrer quando perceber apelidos pejorativos entre os alunos, forma discriminatória de tratamento ou questionamentos sobre a sexualidade. Deve apontar para as diversas maneiras e jeitos de ser do indivíduo e incentivar o respeito (BRASIL, 1998).

Segundo Sparti (1995, p. 98) pode-se trabalhar a relação de gênero em qualquer situação do convívio escolar. Nas questões diretamente ligadas à sexualidade humana, a perspectiva de gênero está presente. O que precisa é buscar formas mais humanizadas e criativas nos relacionamentos de gênero.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual,

“o material didático escolhido dentro de sala de aula para trabalhar a sexualidade, que muitas vezes apresenta estereótipos ligados ao gênero, como a mulher predominante na esfera doméstica e realizando trabalho não remunerado, enquanto o homem é associado ao desempenho de atividades remuneradas e sempre na esfera pública. A crítica dos educadores se faz presente no trato desta questão o que contribui para o acesso da plena cidadania tanto de meninos quanto de meninas.” (BRASIL, 1998b, p. 325)

Há outro fator importante que precisa ser observado pelo educador, a questão da violência associada ao gênero, pois se constitui agressão à dignidade psíquica ou física, ou emocional da pessoa agredida, independente de seu sexo. Outra consideração é a questão da homossexualidade, tão discriminada, que também pode gerar grandes conflitos na escola. Muitas vezes, se atribui conceito homossexual a um comportamento ou atitude de expressão menos convencional de uma forma de ser homem ou ser mulher. Em cada período histórico ou época, algumas expressões de masculino e feminino foram dominantes e servem como modelos. Cada um tem o seu jeito próprio de ser e de viver e devem ser respeitados (BRASIL, 1998).

A escola precisa acompanhar a evolução da humanidade, não pode se isolar ou parar em volta de si mesma. A sociedade e a família exigem da instituição escolar um papel mais direto e significativo na formação de seus alunos. Para que isto é necessária a aplicação de conteúdos, ensinamentos ou orientações sobre sexualidade, permitindo que o estudante conheça e saiba lidar com as situações sobre esta questão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho foi demonstrado como os materiais didáticos e os profissionais da educação abordam as diferenças de gênero e a sexualidade em sala de aula. Este estudo buscou mostrar a relevância do tema. Evidenciou que o paradigma discriminatório precisa ser abolido. Ainda há o que se fazer para que esta questão seja tratada da forma mais natural possível, sem agressão, segregação, discriminação ou preconceito.

Mediante o exposto neste texto, percebe-se a importância deste estudo e análise para o entendimento sobre a questão do tratamento do gênero e sexualidade segundo orientações de materiais didáticos. Entende-se que há o que se discutir para chegar a uma educação para a sexualidade mais qualificada, auxiliando assim o jovem e a criança no conhecimento do assunto de forma segura e competente.

No decorrer desse estudo foi possível a aplicação de alguns conhecimentos acadêmicos adquiridos no curso de Pedagogia. O texto traz referências que embasam a necessidade de discussão da sexualidade nas escolas brasileiras, de profissionais capacitados e conteúdos selecionados com intuito de preparação de jovens e crianças para uma vida social produtiva e harmônica.

Todo o material pesquisado alerta para uma intervenção direta da escola e de seus educadores para que minimizem as polêmicas ou conflitos surgidos entre seus alunos sobre gêneros e sexualidade, enfatizando a liberdade de escolha, opção orientação sexual. Destacou o papel desta na formação de jovens tornando-os cidadãos críticos e participativos.

Trata-se de um tema interessante, principalmente por causa das novas estruturas familiares, da pluralidade cultural, informações rápidas e constantes do mundo globalizado, e a diversidade de gênero, que não pode ser ignorada. Apesar das escolas brasileiras promoverem palestras, estudos e projetos voltados para a questão de gênero e sexualidade, notou-se que há necessidade de revisão e atualização dos livros didáticos, para um alinhamento de conteúdos. O estudo abre-se para novas perspectivas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. Ministério da Educação e Cultura. Brasília: DF, 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível Em: <http://adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/PCN.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2018

_____. **Constituição da república Federativa do Brasil**. Brasília: DF, 1988.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Temas Transversais**. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRANDÃO, D. M. S. **Visão holística em psicologia e educação**. São Paulo: Summus Editora, 1991.

BUSQUETS, M. D. Cainzos, M; FERNANDEZ, T. **Temas transversais em educação bases para uma formação integral**. São Paulo: Ática, 1997.

DOMINGOS FILHO, Parra; SANTOS, João Almeida. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Futura, 2002

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 2002.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Fundação Odebrecht, 1993.

SPARTI, S. C. M. Construindo a identidade masculina e feminina. **Revista de estudos universitários**. V. 21, n. 1. Sorocaba, p. 9-20, jun. 1995.

SUPLICY, M. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

VIEIRA, L. **Cidadania e globalização**. Rio de Janeiro: Recorde, 1997.

WEINTRAUB, M. **Sexualidade e drogas**. São Paulo: Siciliano, 1995.